

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2018-06-06

Deposited version:

Post-print

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Haddad, S. & Oliveira, A. (2017). Perceção da cidadania digital entre pessoas pobres, adultas e idosas, utilizadoras de Telecentros, em Belo Horizonte. In Álvaro Rocha, Bráulio Alturas, Carlos Costa, Luís Paulo Reis, Manuel Pérez Cota (Ed.), 12th Iberian Conference on Information Systems and Technologies (CISTI'2017). (pp. 2019-2014). Lisboa: AISTI (Associação Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação).

Further information on publisher's website:

--

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Haddad, S. & Oliveira, A. (2017). Perceção da cidadania digital entre pessoas pobres, adultas e idosas, utilizadoras de Telecentros, em Belo Horizonte. In Álvaro Rocha, Bráulio Alturas, Carlos Costa, Luís Paulo Reis, Manuel Pérez Cota (Ed.), 12th Iberian Conference on Information Systems and Technologies (CISTI'2017). (pp. 2019-2014). Lisboa: AISTI (Associação Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação).. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Perceção da cidadania digital entre pessoas pobres, adultas e idosas, utilizadoras de Telecentros, em Belo Horizonte

Perception of digital citizenship among poor adult and elderly users of “Telecentros” in Belo Horizonte

Samir Rodrigues Haddad
Instituto Universitário de Lisboa
(ISCTE-IUL), ISTAR-IUL,
Lisboa, Portugal
srhds@isct-iul.pt

Abílio Oliveira
Instituto Universitário de Lisboa
(ISCTE-IUL), ISTAR-IUL,
Lisboa, Portugal
abilio.oliveira@iscte.pt

Resumo — Com a hegemonia da sociedade da informação cresce a infoexclusão entre as pessoas pobres, adultas e idosas. O principal objetivo deste estudo é contribuir para uma maior compreensão do conceito de cidadania digital e sua perceção entre pessoas pobres, adultas e idosas, que utilizam Telecentros¹ em Belo Horizonte, no Brasil, e verificar se estas pessoas participam no processo de interação social. Seguindo uma abordagem exploratória, foi desenvolvido um *focus-group*, que nos permitiu recolher dados em espaços de inclusão digital. Pretendemos assim enquadrar teoricamente os conceitos de inclusão digital, cidadania digital e interacionismo simbólico; e verificar como estes conceitos são percebidos por sujeitos idosos e adultos, utilizadores de Telecentros, em Belo Horizonte. Os resultados obtidos indicam haver predisposição para a mudança de hábitos sociais, económicos, e para a interação social dessas pessoas. Demonstram que os indivíduos lutam para adquirir capacidades que os habilitem a diminuir o fosso digital, agravado pela sua condição etária e socioeconómica, mas o modo como pensam e a conduta social que denotam é ainda insuficiente para considerar que têm um pleno exercício de cidadania digital.

Palavras Chave - *inclusão digital; cidadania digital; interacionismo simbólico, Telecentro; adultos e idosos.*

Abstract — Under the hegemony of the information society, info exclusion has increased among poor adults and elderly people. The main objective of this study is to contribute to a better understanding of the concept of digital citizenship and its perception among poor, adult and elderly people who use Telecentres in Belo Horizonte, Brazil, and to verify if these people participate in the process of social interaction. Following an exploratory approach, a focus group was carried out, which allowed us to collect data in digital inclusion spaces. We also aim to discuss the concepts of digital inclusion, digital citizenship and symbolic interactionism; and verify how these concepts are perceived by poor adults and elderly people, users of Telecentros in Belo Horizonte. Results indicate that there is a predisposition to change social and economic habits and to the social interaction of

these people. They demonstrate individuals struggle to acquire new capacities that make them able to reduce the digital gap, which is aggravated by age and socioeconomic conditions, but the way they think and the social behavior they show is still insufficient to consider they completely exercise digital citizenship.

Keywords - *digital inclusion; digital citizenship; symbolic interactionism, Telecentre; adults and elderly.*

I. INTRODUÇÃO

As pessoas idosas tendem a ser discriminadas, como cidadãos de segunda, ou um fardo para a sociedade, em termos de cuidados de saúde, assistência social e outras áreas da vida cotidiana. Isto é bem evidente, se olharmos a sociedade pela interação dos indivíduos que a integram, e na forma como estes percebem a si mesmos, e aos outros, com base em símbolos culturais – numa perspetiva interacionista simbólica [1].

Mas o que é ser idoso? A ONU, por meio da Organização Mundial de Saúde (OMS) reconhece o idoso como tendo pelo menos 60 anos de idade, definição válida na maioria dos países [2]. Outros associam o termo apenas a uma questão de saúde física [1]. É útil entender o envelhecimento no contexto das fases da vida, pois este, longe de ser um mero processo biológico/fisiológico é, sobretudo, um fenómeno social. Cada fase da vida pressupõe diferentes responsabilidades e expectativas, conforme o indivíduo e a cultura [1].

A sociedade no final do século passado assistiu ao emergir das tecnologias de informação e comunicação (TIC), que integraram e aumentaram a comunicabilidade, o acesso a informações e ao conhecimento, oferecendo novas oportunidades para a conectividade social e o desenvolvimento da identidade cultural. Porém, o seu advento agravou ainda mais a clivagem social, entre classes [3], criando um novo tipo de

¹ Telecentros são espaços de acesso público localizados em comunidades pobres, equipados com computadores conectados à internet de banda larga, para uso comunitário, de forma gratuita.

exclusão, a exclusão digital, sentida em especial entre pessoas adultas e idosas de classes sociais pobres [4]; [3].

Para minimizar os impactos negativos da sociedade da informação, organismos internacionais de direitos humanos como a Organização das Nações Unidas (ONU), e os governos, estabelecem diretrizes e estratégias de inclusão digital, baseados numa nova cultura de direito, não apenas o direito genérico à internet, mas também ao acesso à informação, como um bem público [5].

Atualmente, os locais de acesso público e gratuito às TIC (como Telecentros, cybercafés ou bibliotecas), mantidos por programas de inclusão digital, abrem novas oportunidades, de cunho social, econômico e financeiro, em particular para as populações pobres ou de baixa renda [4].

“Public access venues typically aim to provide access for specific populations, including people of lower socioeconomic status, females, youth, older users, and rural residents — those too poor to afford private access, lacking technology literacy and skills, or excluded for some other reason” [4, p. 49].

No Brasil, o estudo de maior relevância sobre o uso dos Telecentros foi realizado pelo Comitê Gestor da Internet, órgão do governo federal (CGI²) - este não apresenta resultados por faixa etária, não sendo possível assim uma comparação com o que realizamos no presente trabalho. Nesse estudo, 62% dos participantes estão na faixa etária de 16 a 24 anos, 14% na de 25 a 34 anos, 11% na de 35 a 44 anos, 10% na de 45 a 59 anos e apenas 4% acima de 60 anos (CGI, 2013).

O estudo desenvolvido em 5 países, *“Connecting people for development: Why public Access ICTs matter - Global Impact Study of Public Access to ICTs”* (2013), trata do impacto do acesso em locais públicos na vida das pessoas. Apresenta alguns resultados por faixa etária, que permitem alguma comparação com o nosso estudo. A percentagem dos adultos e idosos acima de 50 anos, que utilizam locais públicos de acesso, é 2%, sendo: 1% em Gana; 2% no Brasil; 2% em Bangladesh; 4% nas Filipinas; e 7% no Chile [4].

Será que os idosos e adultos conhecem o conceito de sociedade da informação? Será que utilizam as TIC para o desenvolvimento pessoal e da comunidade, onde interagem? Serão ativas ou passivas no exercício da cidadania?

O artigo que aqui se apresenta é parte de uma pesquisa mais abrangente, integrada num doutoramento que tem como questão central verificar de que forma os programas sociais de inclusão digital contribuem para o exercício da cidadania digital, entre cidadãos de classes sociais pobres, em Belo Horizonte, Brasil.

Temos, assim, dois objetivos: enquadrar, teoricamente, os conceitos de inclusão digital – em função do uso de TIC nos Telecentros – e cidadania digital – em particular numa perspectiva de interacionismo simbólico, nesta sociedade de informação; e verificar como estes conceitos são percebidos

por idosos e adultos pobres, utilizadores de Telecentros em Belo Horizonte.

II. ENQUADRAMENTO TEORICO

Em 2015, o Brasil tinha 23 milhões de pessoas acima de 60 anos (12,5% da população total) e, em 2050, estima-se que o seu número cresça para 64 milhões (perto de 30% da população), crescendo mais, em média, do que a população mundial: em termos mundiais, havia 900 milhões de idosos em 2015 (12,3% da população total) e a expectativa para 2050 é 21,5% [2]. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014), em 2014, a população brasileira era de 202.768.562 de pessoas, e de 2.502.557 pessoas na cidade de Belo Horizonte. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2013, mostra esta tendência de envelhecimento³.

Se, por um lado, o aumento da longevidade é uma das grandes conquistas da Humanidade, por outro, a população envelhecida apresenta desafios econômico-sociais que geram novas demandas e a necessidade de se implementarem mais serviços públicos, dependentes da classe social, raça, gênero e outros fatores sociais, suscitando atitudes culturais negativas em relação ao envelhecimento [1].

Segundo a União Internacional de Telecomunicações da ONU cerca de 3,9 bilhão de pessoas (mais da metade da população mundial), continua offline, não tem acesso à internet, sendo este problema maior entre mulheres, idosos, pessoas com baixo nível de escolaridade, rendas baixas e residentes de zonas rurais. O maior obstáculo é o custo de acesso à banda larga, ainda largamente inacessível em muitos países pobres⁴.

O crescente uso das novas tecnologias e suas possibilidades interativas facilita a participação e conectividade social e o desenvolvimento da identidade cultural. Porém, estas também provocam a divisão entre os que lhe têm acesso e os que ficam excluídos, por barreiras culturais, financeiras ou educacionais, o que suscita diversas questões sobre a iniquidade de acesso [6]; [7].

Para enquadrar a temática, abordamos os conceitos de inclusão digital, cidadania e interacionismo simbólico.

Inclusão Digital

A ideia central da inclusão digital – ou tecnologia social voltada para a inclusão social –, como modalidade de política pública social, é incentivar cada cidadão a mudar a sua trajetória de vida, melhorando, por exemplo, as suas qualificações, combatendo a miséria e quebrando um ciclo geracional de exclusão e pobreza [8]. Os programas de inclusão digital têm potencial tecnológico para promover respostas e provisões sociais, de forma territorial, integrada e democrática e, desta forma, enfrentar a exclusão social e digital num processo de reconstrução social [9]. Tais programas têm sido determinantes no estabelecimento de uma nova forma de exercício da cidadania, possibilitando maior empregabilidade, desenvolvimento das comunidades e capacidade de resolução de

² Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil- TIC Centros Públicos de Acesso (2013).

³ O número de pessoas, no Brasil, acima de 60 anos – neste trabalho consideradas como “idosas” –, continua crescendo: de 12,6% da população total em 2012, para 13% em 2013 (num total de 26,1 milhões).

⁴ http://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2016/11/22/interna_tecnologia,825912/mais-da-metade-da-populacao-mundial-nao-usa-a-internet.shtml acesso em 30/01/2017

seus problemas, com participação e autonomia crítica para práticas políticas, e promoção da inclusão social [4]. Neste âmbito, a atual pesquisa foca-se nos Telecentros, que permitem o acesso às TIC de forma gratuita, favorecendo a participação dos cidadãos e da comunidade envolvente na resolução de demandas cotidianas, individuais e coletivas.

Cidadania Digital

O desenvolvimento social passa pelo uso e acesso da informação, “pois tanto a conquista de direitos políticos, sociais e civis, como a implementação dos deveres do cidadão dependem fundamentalmente do livre acesso à informação sobre tais direitos e deveres” [10, p. 9]. Cidadania é a conscientização do ser humano em relação à realidade em que vive, pela efetiva capacidade de participar na sua construção e modificação, e poder de partilhar seus benefícios, num processo contínuo de interação entre direitos e deveres, individuais e coletivos [11]. Face a um sistema de desigualdades sociais, o exercício de cidadania visa uma igualdade de direitos e obrigações, fortificada por ideias, valores e crenças (Marshall, 1967), assentes em três direitos fundamentais: civis, que se referem à liberdade individual; políticos, assegurados e ampliados pelo direito de participar no exercício do poder; e sociais, relacionados com o usufruto do bem-estar social e económico [11]. Goode, numa perspectiva tripartida, distingue entre cidadania cultural (o direito de saber e falar), cidadania política (o direito de residir e votar) e cidadania económica (o direito a trabalhar e prosperar) [7].

A cidadania pode ser passiva ou ativa, quer assegurando direitos sociais e à própria vida, quer fomentando o direito a viver em sociedade, com participação civil e política [11]. Donde emerge o conceito de cidadania digital – partindo da sua natureza tecnológica –, como o exercício mais profundo de participação política, social e económica [12]. Sendo a cidadania promotora de igualdade, os programas sociais de inclusão digital são meios para aceder a informações e serviços que ajudam a reduzir a desigualdade social, e a construir a visão crítica de uma nova cultura do direito [13]; [14].

Teoria do Interacionismo Simbólico

Da interação cotidiana entre os indivíduos, e a forma como estes se percebem a si mesmos, e aos outros, resulta a sociedade em que vivemos. Neste âmbito, a teoria interacionista explora os significados que os sujeitos põem em prática para construir o mundo social, com o qual interagem, e interpreta o seu comportamento individual em situações específicas [15]. O modo como um indivíduo interpreta os fatos e age perante outros indivíduos ou fatos depende dos significados que ele atribui a esses, mas estes significados são construídos a partir dos processos de interação social, e podem alterar-se ao longo do tempo [16]. Os significados estão intrinsecamente ligados à conduta social, donde emergem os símbolos significantes, com os quais o indivíduo se pode ou não identificar (até tornar consciente o seu significado) [17]. À medida que as pessoas

envelhecem, transcendem as visões limitadas da vida que tinham nos tempos anteriores [18].

III. ABORDAGEM METODOLOGICA

O presente estudo exploratório – de índole essencialmente qualitativa –, é explicativo, visando tornar os conceitos de cidadania e inclusão digital compreensíveis [19], sob uma perspetiva da teoria interacionista, recorrendo-se “à observação direta, entrevistar pessoas, obter informações sobre a vida real, utilizar cartas e diários, consultar documentos públicos e organizar discussões de grupo” [15, p. 54].

Realizámos um *focus-group* com adultos e idosos de classes sociais menos favorecidas, em Belo Horizonte, utilizadores de programas de inclusão digital em dois Telecentros: Centro Cultural Padre Eustáquio, e Comunidade Kolping Padre Teodoro, ambos situados em **bairros de classe média-baixa**. Entre os participantes (N=10), 7 são do sexo masculino (H) e 3 do sexo feminino (M), com idades compreendidas entre os 50 e os 70 anos (com média de idade de 60,3 (H) e 63,6 (M)). As três mulheres são donas de casa, reformadas, com ensino médio. A F67 presta trabalho voluntário na igreja do bairro. Dos sete homens, apenas três informaram que trabalham, sendo um como advogado (curso superior) (M54), um como escritor autónomo (M48) e outro como comerciante (M67). Os demais informaram estar reformados, fazendo trabalhos esporádicos, como forma de aumentar a renda. As três mulheres e os homens reformados estão tendo o primeiro curso de TIC no Telecentro, podendo ser considerados analfabetos digitais.

Neste estudo verifica-se como as pessoas que utilizam Telecentros comunitários, do programa BH-Digital, pensam e o que sentem sobre a sociedade de informação – ou sociedade em rede –, as TI e os Telecentros, bem como sobre a cidadania. Por conseguinte, podemos deduzir como beneficiam (ou não) do uso dos Telecentros para as suas atividades quotidianas, e para se sentirem integradas socialmente.

Para o tratamento dos dados recorreu-se à análise temática – partindo dos discursos dos participantes –, bem como à análise semântica, e frequência de palavras respondidas, através do software MAXQDA⁵ [e.g. 20].

IV. RESULTADOS

O Qual o significado da Sociedade de Informação e (do uso) das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação)? Pela análise dos dados extraídos do *focus-group*, em função dos participantes, viver na sociedade atual apresenta aspectos positivos, como a vida melhorou, facilitou e aproximou as pessoas, e negativos, como desperdício, superficialidade, preguiça, perda da qualidade na educação. Ilustra-se:

- “Hoje está tudo mais fácil do que antigamente. (H, 65)
- Estamos mais próximos, conectados. (H, 65)
- Você tem que participar se não está fora do mundo. (H, 66)
- Existe uma certa preguiça de ler. (H, 54)”

⁵ Salienta-se que o trabalho de doutoramento em curso envolve uma investigação faseada que, entre outros estudos, inclui não somente outros *focus-group*, mas também um estudo inferencial (com a realização de um inquérito

por questionário), em Belo Horizonte, com os utilizadores dos Telecentros comunitários.

Quanto às capacidades em TIC, referem-nas também como positivas, dando suporte, dinamismo, tranquilidade e aumentando a independência e autoestima de quem as domina e as utiliza, ou negativas, pois quem não domina nem tem habilidades em TIC fica excluído da sociedade atual. Ilustra-se:

- “Eu acho uma ferramenta altamente benéfica, como deve ser utilizada para o bem, de uma forma ética, dá um dinamismo. (H, 54)
- Eu estou no primeiro grau ali, mas se eu chegar um três grau acima eu vou ficar bem demais. (H, 70)
- Autoestima aumenta demais, dá até para você conversar com outras pessoas porque você tem acesso a internet. (H, 65)
- Estou aprendendo para eu fazer e não depender das pessoas. (M, 67)”

Partindo da frequência de palavras (*cf.* Tabela I, em Apêndice I), os objetos simbólicos mais relevantes nesta nova sociedade são: Pessoas, 2,11%; Fazer, 1,91%; e Falar 1,71%. Mas qual o significado destes para os sujeitos?

Quanto às “Pessoas” sobressaem quatro aspectos positivos: solidariedade, a valorização do outro nas relações sociais e a vontade de conhecer e comunicar com outras pessoas. Consideram que os processos de TIC podem melhorar a comunicação, e o acesso à internet. Preocupam-se com o futuro dos jovens no que tange a falta de emprego na sociedade atual e a redução do nível de leitura e escrita. Quanto aos aspetos negativos, ressalta o conservadorismo, pela dificuldade em mudar hábitos sociais (em mobilizações e reivindicações sociais), acreditando que as atuações físicas são as mais eficientes. Revela-se medo de usar a tecnologia em função do baixo nível de escolaridade, idade avançada e receio do desconhecido.

“Falar” refere-se a: informar, transmitir o que sabem; conversar com o outro, pessoalmente ou pelo uso das TIC; e expressar ideias e opiniões através do conhecimento adquirido na vida.

Já o “Fazer”, relaciona-se com: ajudar o outro no uso das TIC; pedir ajuda para aprender a usá-las, para serem mais independentes e autônomos, no uso dos serviços de governo e repassar o que sabem aos outros. Os aspetos negativos ligam-se: ao medo; à falta de interesse; e à descrença em fazer as atividades usando a internet, preferindo-se usar processos tradicionais como escrever e enviar uma carta pelo correio. Sentem-se ainda constrangidos para comentar as políticas estabelecidas (usando as tecnologias ou não).

Em suma, os sujeitos têm a necessidade de ajudar o outro e compartilhar o seu conhecimento, e sentem necessidade de conversar e interagir na sociedade, apesar das dificuldades e do medo em usar as novas tecnologias, confirmando assim, uma das premissas de [21]: os idosos orientam os seus atos em função dos significados de seus objetos, ou seja, ajudar, aprender e se comunicar.

Os significados modificam-se mediante um processo de interpretação da pessoa, ao defrontar-se com os desafios que vai encontrando no seu caminho, aqui relacionados com a internet e o Telecentro – que lhe permite aceder ao mundo digital –, e as possibilidades de modificação do seu cotidiano [21].

Ao analisarmos as respostas associadas a “internet”, encontramos, como sentimento positivo, o aumento da

capacidade mental e do gozo pela vida e, como negativos, o medo, insegurança e descrença. Só os sujeitos com menos de 60 anos utilizam a internet para trabalhar, serviços de governo e mobilizações sociais. Reconhecem que a internet não é um recurso acessível a todos e deveria ter seu acesso garantido por política pública, bem como a crescente exclusão das pessoas mais velhas e com poucos recursos, e afirmam que se não fossem os Telecentros, que lhes dão acesso à internet, dificilmente poderiam estar inseridos nesta sociedade. Ilustra-se:

- “Não vamos viver mais sem internet! E vai crescer mais. (H, 70)
- Na internet tem muita coisa que não vale nada – desprezar. (H, 54)
- Não confio muito na internet. Tenho medo de fazer um pagamento. (H, 66)
- Acredito que se o governo quisesse, ele poderia facilitar o acesso à internet para todas as residências para uma comunidade. (H, 65)”

E acerca do Telecentro como equipamento público? Para que serve? Como se sentem naquele ambiente? O que aprendem? Verifica-se que valorizam o Telecentro como um lugar de aprendizagem, atualização, socialização, entretenimento, inserção digital e melhoria na qualidade de vida. Têm no Telecentro uma referência local, mas assinalam a má qualidade dos equipamentos e a sua fraca divulgação na comunidade. Ilustra-se:

- “O Telecentro ficou amplo: ensinamento, conhecimento e aprendizado. E totalmente gratuito. Acho muito importante. (H, 70)
- É uma referência, local onde mostro o meu trabalho físico. Uso a internet também e faz parte do meu itinerário, me ajuda sim. (H, 54)
- Creio que este espaço influencia e vai influenciar mais ainda a vida das pessoas. (H, 67)
- Uma coisa muito básica, querem deixar de serem excluídos digitalmente. (H, 48)”

Reconhecendo o uso da internet e dos Telecentros como essenciais para viverem na sociedade atual, os sujeitos podem ter uma melhor socialização, alterar suas opiniões, comportamentos, expectativas e exigências sociais, construindo assim uma nova perspectiva de vida, com algum grau de autonomia, sem necessariamente exercerem cidadania digital.

O conceito de cidadania definido neste artigo parte do princípio da igualdade de direitos e obrigações, crenças e valores e sustenta-se em quatro pilares de direitos: direitos civis, que se referem à liberdade individual; direitos políticos, assegurados e ampliados pelo direito de participar do exercício do poder; direitos sociais, relacionados com o usufruto do bem-estar social e económico; e direitos a informação.

Da análise temática às respostas dos sujeitos, determinámos as unidades de registo relativas a cidadania digital: buscar ser e estar, trocar conhecimentos e dar opinião, mas também identificam exclusão social e a arbitrariedade pelo uso do poder, como pontos negativos deste novo processo na sociedade atual. Ilustra-se:

- “Cidadania digital é muito da pessoa em buscar e ser. De se informar, estar ali e mostrar o trabalho, o que ele é, o que está fazendo, se é um político, um músico. (H, 54)
- O conhecimento seu é maior. E você pode trocar ideia. (H, 48)
- Você tem que participar se não você está fora do mundo e se você participa você está em rede e é tudo dentro da tecnologia atual. (H, 66)
- O analfabetismo é muito alto no Brasil, estas pessoas nesta condição estão excluídas da cidadania digital. (H, 67)”

No que tange ao direito civil, mesmo os que ainda não sabem utilizar a internet, consideram que as redes sociais e as TIC são vias para expressar a sua opinião, criticar e escolher informações. Aham que seu uso favorece a criação de projetos pessoais, o aumento da renda e fortalece a capacidade de expressão individual e a autoestima, contribuindo para o crescimento pessoal e da comunidade.

O ponto crítico na percepção sobre a conquista da cidadania digital é exatamente a participação ativa na vida política. Apesar de considerarem legítimas as manifestações políticas na internet, os sujeitos preferem não se envolver na política, por não acreditarem nos partidos e nos políticos. Independentemente dos factos políticos serem discutidos por meio digital, poucos se envolvem até mesmo em processos políticos presenciais.

A maioria não acredita que poderá haver mudanças apenas com o uso das redes sociais. Não participam em manifestações ou em redes sociais para a discussão ativa da política. Este é um domínio em que será difícil conquistarem a cidadania digital.

Reconhecer como essencial às mudanças que vêm ocorrendo no mundo atual aceitar os desafios e os benefícios necessários para se volverem cidadãos ativos, capazes de intervir e interagir, simbólica e socialmente, são passos decisivos numa longa e difícil caminhada, para a plena integração numa sociedade em rede – dominada pela informação e necessidade de conhecimentos.

Neste sentido, a maioria dos participantes compreende e valoriza a evolução da sociedade, vendo-a como benéfica para se viver num mundo melhor. E compreende também que, tal como na vida, existem atitudes boas e prejudiciais no mundo digital, sendo necessário ficar atento às suas “armadilhas”, para que não nos iludamos nem enganemos.

V. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Neste artigo discutiu-se a percepção de idosos e adultos pobres, utilizadores de Telecentros, sobre as TIC – diante das novas exigências que o seu uso implica e pressupõe – e a cidadania digital, sob o risco da exclusão, numa sociedade de informação que lhes coloca rápidas mudanças, e exigências, em conhecimentos e, inclusivamente, a nível social. Ser idoso reflete não só um processo fisiológico, mas, sobretudo, a nível simbólico e ideológico, atitudes opiniões, crenças e condutas sobre o processo de envelhecimento e seu impacto no desenvolvimento da sociedade.

A maior parte dos adultos e idosos abordados revelou fraca identificação ou descrença na vida política, não se revendo como cidadãos politicamente ativos e participantes, papel, segundo eles, atribuído aos jovens. Contudo, apesar de todas as dificuldades encontradas, esforçam-se por mudar as suas vidas, para poderem continuar a participar ativamente na sociedade, trabalhando ou ajudando o próximo, envolvendo-se em redes de interacionismo simbólico que não traduzem, necessariamente, um maior exercício de cidadania digital. O exercício de cidadania digital pressupõe a sua prática, em várias áreas de atuação [12] que estas pessoas ainda não dominam.

Assim, inferimos que a percepção de pessoas idosas e adultas com baixa renda em relação ao exercício da cidadania digital, só

será alcançada a médio-longo prazo, em condições socioeconômicas adequadas, e em futuras gerações, pois algumas componentes, como a participação na política e a interação com processos online, permanecem distantes destas pessoas, deixando-as muito aquém do pleno exercício da cidadania digital. Podemos admitir que se aproximam de um padrão designado como cidadania passiva, pois os seus direitos sociais são assegurados pelo Estado e não são necessariamente conquistados através da participação civil [11].

Concluimos afirmando que o grupo de pessoas adultas e idosas pobres que frequentam Telecentros comunitários, em Belo Horizonte, reconhece que estes contribuem para que participem em processos de interação social, na sociedade em rede. Os resultados obtidos contribuíram para uma maior compreensão dos elementos que compõem os conceitos de cidadania digital (ativa) nomeadamente direito civil, social e político.

As representações encontradas entre estes sujeitos revelam a participação em processos que envolvem um interacionismo simbólico – uma vez que representam o seu modo de viver na fase adulto e idosa, ou seja a vontade de conhecer, comunicar, ajudar o outro. Porém, não traduzem ainda, plenamente, o que se conceitua como exercício da cidadania. Longe disso. A forma como pensam e atuam está fortemente ligada e limitada pelas suas condições de vida, limitações e dúvidas na possibilidade de terem algo melhor.

Encontrámos pessoas que sentem a necessidade de falar, ensinar, e ajudar, percebem a premência de interagir, mas não são ainda capazes de usar os meios – nomeadamente os tecnológicos – nem os direitos de que dispõem, para intervir mais na sociedade, para terem uma maior participação política e serem agentes ativos na promoção de mudanças sociais.

Referimo-nos a pessoas que percebem, ao menos em parte, as demandas e os significados ligados à conduta social, numa sociedade de informação, mas não se identificam totalmente com os mesmos, a ponto de se conscientizarem do seu significado, e alterarem os seus próprios comportamentos [17].

Por incapacidade, falta de meios, falta de maior apoio ou formação (por exemplo em TIC, e em questões de cidadania) ou, sobretudo, por considerarem que o futuro é mais voltado para os jovens, as pessoas mais idosas e com baixo rendimento, não são ainda, de facto, cidadãos plenamente integrados (simbólica e) socialmente.

Aqui, os Telecentros poderão ter um papel cada vez mais importante, e decisivo, cumprindo a sua função de inclusão digital, e estendendo-a, se possível, a um maior apoio no sentido da formação e integração social. Isso mesmo foi também considerado no estudo de Sey [4], para quem a política de inclusão digital e os Telecentros, são políticas recentes de incentivo aos mais velhos (adultos e idosos).

- “Many new users are in the older age ranges, particularly in Chile and Brazil, where recent national policies encourage public ICT usage by older population groups” [4, p. 84];
- “Higher proportions of older users tended to experience positive impacts in the primary development domains” [4, p. 39];
- “Older adults were more likely to report positive impacts in the health and government categories” [4, p. 39].

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi apoiado pelo ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa e pela Empresa de Informática do Município de Belo Horizonte – Prodabel, e Faculdade Senac Minas, atribuída ao primeiro autor deste artigo (Samir Haddad). Os autores expressam sua gratidão, em especial, à Diretoria, e a toda a equipe de Inclusão Digital, da Prodabel.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- [1] S. Vyain et al, “Introduction to Sociology” – 1st Canadian Edition. Chapter 13. Aging and the Elderly. Organized poor William Little. 2013. [Online]. Available: <https://opentextbc.ca/introductiontosociology/chapter/chapter13-aging-and-the-elderly/>.
- [2] ONU, “População idosa mais do que dobrará até 2050”, 2017. [Online]. Available: <https://nacoesunidas.org/populacao-idosa-mais-do-que-dobrar-ate-2050-especialista-da-onu-pede-foco-em-direitos/>. Accessed on: Jan, 31, 2017.
- [3] M. C. Silva, “Desigualdade e exclusão social: de breve revisitação a uma síntese proteórica”, 2009. [Online]. Available: <http://configuracoes.revues.org/132>. Accessed on: Jan, 31, 2017.
- [4] A. Sey et al., “Connecting people for development: why public access ICTs matter,” p. 241, 2013. [Online]. Available: <http://tascha.uw.edu/publications/connecting-people>. Accessed on: Dez, 15, 2015.
- [5] A. S. Sposati, “Gestão intergovernamental para o enfrentamento da exclusão social no Brasil, 2003. [Online]. Available: <http://www.unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133974por.pdf>. Accessed on: Dez, 15, 2015.
- [6] M. G. R. Grossi, J. W. da Costa and A. J. dos Santos. “A exclusão digital: o reflexo da desigualdade social no Brasil”, 2013. [Online]. Available: <http://www.dx.doi.org/10.14572/>. Accessed on: Jul, 18, 2015.
- [7] L. Goode, “Cultural citizenship online: the Internet and digital culture.” University of Auckland, Auckland, New Zealand Published online: 27 Oct 2010. Citizenship Studies Vol. 14, No. 5, October 2010, 527–542. [Online]. Available <http://www.tandfonline.com/loi/ccst20>. Acesso on: Jan, 01, 2017.
- [8] M. Garrido, A. Sey, T. Hart and L. Santana, “Literature review of how telecentres operate and have an impact on eInclusion: Exploratory study on explanations and theories of how telecentres and other community-based e-inclusion actors operate and have an impact on digital and social inclusion policy”, 2012. [Online]. Available: <http://www.ipts.jrc.ec.europa.eu/publications/pub.cfm?id=5479>. Accessed on: Jan, 20, 2016.
- [9] O. Jambeiro and H. P. da Silva, “Políticas de informação: digitalizando a inclusão social”. [Online]. Available: <http://www.piwik.seer.fclar.unesp.br/estudos/article/viewFile/135/133>, 2004. Accessed on: Jul, 18, 2015.
- [10] M. Castells, “A era da informação: economia, sociedade e cultura- Poder da identidade”. Ed Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2003.
- [11] R. Massensini, “Inclusão digital: sob a ótica da cidadania”. [Online]. Available: <http://www.brapi.ufpr.br/index.php?dd60=1&dd61=inequality&acao=buscaDataGrama>. Zerov. 12, n. Ac. on: Abr, 2, 2011. Accessed on: Ago, 15, 2015.
- [12] S. A. Da Silveira, “Cidadania e Redes Digitais”, 2012. [Online]. Available: http://www.cidadaniaeredesdigitais.com.br/_files/livro.pdf, 2010. Accessed on: Ago, 02, 2015.
- [13] R. Henriques, “Pobreza e desigualdade no Brasil: traçando caminhos para a inclusão social - Desnaturalizar a desigualdade e erradicar a pobreza no Brasil”. [Online]. Available: <http://www.unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133974por.pdf>, 2003. Accessed on: Ago, 02, 2015.
- [14] M. Ferreira, C. Teixeira and L. C. Borges, “O profissional da informação e as desigualdades digitais no maranhão: desafios para a construção da

cidadania”. [Online]. Available:<http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/3544.pdf>, 2008. Accessed on: Ago, 02, 2015.

- [15] V. D. Carvalho, L. O. Borges and D. P. Rêgo, “Interacionismo Simbólico: Origens, Pressupostos e Contribuições aos Estudos em Psicologia Social.” Psicologia Ciência e Profissão, 2010, 30(1), 146-161. [Online]. Available: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v30n1/v30n1a11>. Access. on: Jan, 30, 2017.
- [16] R. Cancian, “Interacionismo Simbólico - Fundamentos: Blumer e o Estudo das Interações Sociais Comentado”. Revista Pedagogia & Comunicação, 2009. [Online]. Available: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/interacionismo-simbolico>. Accessed on: Jan, 30, 2017.
- [17] Mead, G. H, “Espiritu, persona y sociedad: desde el punto de vista del conductismo social”. Barcelona: Paidós, 1982.
- [18] L. Tornstam, “Gerotranscendence: A Developmental Theory of Positive Aging”. New York: Springer Publishing Company, 2005.
- [19] S. C. Vergara, “Projetos e relatórios de pesquisa em administração”, 9ª ed. São Paulo, 2007.
- [20] U. Flick, “Métodos qualitativos na investigação científica”. Lisboa: Portugal: Monitor, 2005.
- [21] Blumer, H, “El interaccionismo simbolico: perspectiva y metodo”. Barcelona: Hora, 1982.

APÊNDICE I

TABELA I. TABELA COM FREQUÊNCIA DE PALAVRAS

Palavra	Frequência	%
peessoas	53	2,11
fazer	48	1,91
falar	43	1,71
email	18	0,72
hora	17	0,68
casa	16	0,64
comunidade	16	0,64
tecnologia	15	0,60
Facebook	13	0,52
bairro	12	0,48
escola	12	0,48
informação	12	0,48
mundo	12	0,48
política	12	0,48
trabalho	12	0,48
informações	11	0,44
saber	11	0,44
tempo	10	0,40
digital	9	0,36



Figura 1. Núvem de palavras de acordo com a frequência da TAB.I